

A BUSCA DE INFORMAÇÕES POR ADOLESCENTES DE BAIXA RENDA: um estudo sob a ótica da competência informacional

A SEARCH FOR INFORMATION TEEN LOW INCOME: a study the perspective of information literacy

Cintia Kath Blank*

Renata Braz Gonçalves**

RESUMO

Diversas transformações ocorridas na sociedade fizeram surgir novas necessidades de informação a serem satisfeitas, surgindo neste âmbito o movimento da competência informacional. Assim, este trabalho tem como objetivo geral averiguar, utilizando-se o enfoque da competência informacional, como os adolescentes que se encontram em situação de baixa renda efetuam suas buscas informacionais. A coleta dos dados deu-se por meio de questionário constituído por dez questões abertas e de múltipla escolha aplicado a nove estudantes do Centro de Convívio Meninos do Mar (CCMar). Para a análise dos dados utilizou-se a Teoria do Processo de Busca da Informação (ISP) de autoria de Carol Kuhlthau. Encontrou-se como principal resultado a predominância de sentimentos positivos tanto no início do processo de busca da informação quanto no seu final. Observou-se que os estudantes consideram que a prática da pesquisa proporciona aprendizado, contudo indicaram que nem sempre conseguem aplicar em seu cotidiano o que foi aprendido. Constatou-se que a Internet é utilizada pela maioria dos questionados como única fonte de consulta. De fato, evidenciou-se que os jovens não possuem esclarecimento sobre o que seja pesquisar e que não se sentem estimulados a expor suas opiniões. Os resultados obtidos apontam que é necessário desenvolver capacidades que tornem o jovem competente informacionalmente.

Palavras-chave: Competência informacional. Teoria ISP. Adolescentes.

ABSTRACT

Several changes occurred in society have created new information that needs to be satisfied. In this context, emerged the Information Literacy

movement that has as its central concern the development of skills related to the interaction of individuals with permanent information. This qualitative study aims to verify how low-income adolescents search for information, using the information literacy concept. Data were collected applying questionnaires constituted of ten questions applied to nine students of the Center for Coexistence Children of the Sea (Centro de Convívio Meninos do Mar - CCMAR). For data analysis was used the Theory of the Information Search Process (ISP) by Carol Kuhlthau. It was found as the main result the predominance of positive feelings in the beginning of the process of information search as well as in the final of process. It was observed that students consider that the research practice provides learning, however they indicated that not always it can apply in their daily what has been learned. It was found that the Internet is used by most respondents as the only source for information. Indeed, it became evident that the adolescents do not know what is search clearly, and they do not feel encouraged to express their opinions. The results indicated the need to develop capabilities wich make the young informationally competent.

Keywords: Information literacy. Information Search Process. Adolescents.

1 INTRODUÇÃO

Diversas transformações sociais acarretaram no surgimento de novas necessidades informacionais a serem satisfeitas, principalmente quando vinculadas ao ambiente informacional. Assim surgiu em 1974 o termo *Information Literacy*, de origem

norte-americana. (DUDZIAK, 2001), e que no Brasil foi traduzido como: “Competência Informacional.” (CAMPELLO, 2002). Este termo encontra-se em fase de consolidação em nosso país. No entanto, nota-se como principal objetivo a questão do desenvolvimento de capacidades ligadas à compreensão e à interação permanente com informações, de modo a proporcionar um aprendizado independente e ao longo da vida.

Dessa forma, a Competência Informacional insere-se em um contexto onde se necessita de pessoas eficientes para trabalhar com estoques ilimitados de fontes informacionais, seus processos de busca e filtragem, a gestão da informação, e inclusive, a correta apropriação e disseminação destes conteúdos.

Neste âmbito, este artigo procurou averiguar, utilizando-se o enfoque da competência informacional, como os adolescentes que se encontram em situação de baixa renda (IBGE, 2004) efetuam suas buscas informacionais, seja para pesquisas escolares ou necessidades cotidianas de informação. Para tanto, fez-se relevante identificar algumas especificidades, como: passos percorridos pelo adolescente na realização de pesquisas escolares; opiniões e sentimentos dos estudantes em relação à pesquisa escolar; e seu posicionamento frente a problemas hipotéticos da vida cotidiana que envolvam a busca, o uso e a interpretação de informações.

Considera-se que a realização deste trabalho poderá ajudar a diminuir uma lacuna na produção científica brasileira, na qual se observam duas principais evidências: defasagem no Brasil de trabalhos em torno da temática competência informacional, que demonstra a necessidade de estudos acerca do assunto (CAMPELLO, 2009a); menor atenção dada ao comportamento informacional de adolescentes na vida cotidiana, pois, observa-se um número menor

de estudos relacionados a buscas de informações sobre preocupações diárias na vida dos jovens, como o uso de drogas, saúde, profissões e desemprego (ANDRADE, 2007; FIALHO 2007).

2 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

O termo competência informacional / *information literacy* foi definido de maneira distinta por diferentes autores segundo suas abordagens, contudo, para a construção deste artigo, será adotada a definição proposta por Elisabeth Dudziak (2001, p. 143), que conceitua competência informacional como:

o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Assim, conforme sugerido na citação acima, o desenvolvimento de habilidades para o trato com o universo informacional deve ser uma constante ao longo da vida de todos os indivíduos. A autora ainda estabelece características que integram desde habilidades até valores, considerando a competência informacional como:

transdisciplinar, [incorpora] um conjunto interligado de habilidades, conhecimentos, valores

pessoais e sociais; permeia qualquer processo de criação, resolução de problemas e/ou tomada de decisões (DUDZIAK, 2003, p.29).

A expressão *information literacy* surgiu pela primeira vez na literatura mundial em 1974, nos Estados Unidos, mencionada por Paul Zurkowsky (DUDZIAK, 2001). De acordo com Dudziak, neste relatório, Zurkowsky alertava o governo norte-americano para a necessidade de se desenvolver na população competência informacional que permitisse aos cidadãos o desenvolvimento de habilidades para o uso de recursos informacionais.

Segundo Dudziak (2003) os anos que se sucederam ao “*The information service environment relationships and priorities*” enfocaram inicialmente as novas tecnologias de informação, colocando o foco principalmente nos recursos computacionais.

No final da década de 1980, porém, uma ênfase especial foi dada aos aspectos educacionais, assim como se iniciou neste momento as discussões sobre a aproximação entre professores e bibliotecários para promover o aprendizado no meio escolar.

Os anos de 1990 foram importantes para a divulgação dos conceitos norteadores da competência informacional. Foi a partir deste período que diversos instrumentos surgiram para apoiar o ideal de competência informacional:

- Institute for information literacy of American Library Association (ALA-ACRL) - oferece um programa para treinamento e capacitação de bibliotecários a fim de torná-los agentes multiplicadores da competência informacional;

- Library Instruction Round Table (LIRT) - promove a disseminação sobre competência informacional fornecendo textos, tutoriais e promovendo eventos na área; e,
- United Nations Literacy Decade (UNLD) (2003-2012) – órgão veiculado à UNESCO e que possui como objetivo disseminar os conceitos da competência informacional principalmente em países em desenvolvimento.

Já a década de 2000 foi marcada pelo desenvolvimento de uma consciência coletiva em relação aos estudos em torno da competência informacional. Um reflexo desta nova visão observa-se principalmente em documentos como a Declaração de Alexandria sobre competência informacional (INTERNATIONAL..., 2010), mas também se pode observar na afirmação de Vitorino e Piantola (2009, p. 138):

os pesquisadores [...] estão desenvolvendo uma consciência coletiva [...] em torno da competência informacional, o que nos parecem sinais promissores que fazem emergir o papel social da competência informacional como um caminho essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de determinar o curso de suas vidas.

Assim, nota-se que diversas dimensões sobre

a temática competência informacional vêm surgindo com o avanço dos anos. Observa-se também que diversos enfoques e variados órgãos tem apoiado a evolução e a disseminação de conceitos sobre competência informacional na sociedade. Esta perspectiva parece-nos indicar que cada vez mais os aspectos relacionados à competência informacional têm avançado nos domínios da Biblioteconomia, área do conhecimento em que surgiu, e encaminhando-se para uma variação de abordagens, ratificando sua dimensão social.

2.1 A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL NO BRASIL

Segundo Campello (2009b) no Brasil a produção bibliográfica encontra-se ainda em fase inicial. Conforme a própria autora (CAMPELLO, 2003) o termo foi mencionado pela primeira vez em 2000 por Caregnato no contexto das bibliotecas universitárias. No entanto, a tradução da expressão *Information Literacy* como Competência Informacional somente surge na literatura em 2002, citada por ela mesma no livro “Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica”.

Como prova de que ainda se encontra em construção o termo *Information Literacy* no Brasil, bem como o desenvolvimento do conceito aplicável ao contexto do país, observa-se em diversos estudos brasileiros terminologias diferenciadas, mas com conceitos semelhantes, por exemplo: alfabetização informacional, letramento informacional, literacia e competência informacional. Dudziak (2001, p. 57): sugere a utilização do termo “ ‘Competência Informacional’ como sendo o mais adequado em virtude dos objetivos do movimento e do próprio conceito da palavra ‘competência’ ”.

Contudo, ainda que em fase de construção, encontra-se no cenário nacional um número considerável de trabalhos tratando da

temática competência informacional, em sua maioria abordando revisões de literatura e estudos de cunho prático. (VITORINO, 2007). Dos quais se pode destacar como principais autoras que Elisabeth Dudziak, Bernadete Campello e Regina Belluzzo.

Elisabeth Dudziak (2001, 2003, 2008) em sua dissertação, defendida em 2001, apresenta os precursores e a evolução do tema, as diversas abordagens conceituais e procura sugerir um conceito de Competência Informacional.

Atualmente possui um blog denominado Competência Informacional para Bibliotecários que possui como objetivo “disseminar o conceito e as práticas educacionais voltadas à promoção da competência em informação” (COMPETÊNCIA, 2010).

Bernadete Campello (2002, 2003, 2005, 2006, 2009a, 2009b), professora de renome na área biblioteconômica, trabalha concomitantemente com o conceito de competência informacional e letramento, atuando principalmente no ambiente escolar. Foi a autora que primeiro fez uso da expressão competência informacional como tradução para *Information Literacy* (CAMPELLO, 2002), sendo também autora de um livro sobre a temática (CAMPELLO, 2009a).

Regina Belluzzo (2004, 2004a, 2006, 2009) também possui extensa produção na área da competência informacional, onde aborda além dos aspectos conceituais da competência em informação, questões relativas à formação continuada de professores e bibliotecários. Em seus estudos, trata das necessidades a serem desenvolvidas, em professores e bibliotecários, competências para trabalharem com a informação, visto que são tanto usuários de informação como geradores de conhecimento.

Obviamente não seria possível elencar todos os profissionais e/ou pesquisadores que de

alguma forma contribuem com a disseminação de conceitos e o desenvolvimento de práticas norteadas pela competência informacional. Procurou-se, no entanto, demonstrar que já existe uma sensibilização por parte dos profissionais brasileiros ligados a informação de que é necessário prosseguir com os trabalhos sobre a temática. Percebeu-se nesta revisão bibliográfica que em diversos países os conceitos de competência informacional já se encontram consolidados e que o Brasil caminha para a afirmação da importância de desenvolver competência nas pessoas para se trabalhar com informação.

2.2 ESTUDOS E PESQUISAS

O desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre competência informacional teve início com os estudos de usuários, mais especificamente “aqueles que buscavam entender o processo de aprendizagem baseada na busca e no uso de informações” (CAMPELLO, 2006, p. 68).

Dudziak (2001) destaca a influência da pesquisadora Carol C. Kuhlthau nos estudos sobre competência informacional. Kuhlthau desenvolveu em 1987 o conceito de *information literacy education*, ou seja, a educação voltada para competência em informação.

Segundo Dudziak (2001, p. 29): “Kuhlthau amplia o conceito de *information literacy*, desfazendo a noção corrente na época de que as habilidades informacionais se restringiam à biblioteca e aos materiais científicos bibliográficos. O foco estava no aprendizado”.

Outros autores também contribuíram com o assunto apresentando diferentes concepções. Campello (2009) destaca na década de 1990 as autoras Christina Doyle e Christine Bruce.

Em 1992 Doyle, amparada no modelo de

educação americana e utilizando a técnica Delfi, elencou uma série de atributos pessoais como necessários para se considerar uma pessoa competente para lidar com informação:

- Reconhecer a necessidade de informação;
- Reconhecer que a informação precisa e completa é a base para a tomada de decisão inteligente;
- Identificar fontes de informação em potencial;
- Desenvolver estratégias de busca bem-sucedidas;
- Acessar recursos de informação, incluindo computadores e outras tecnologias;
- Avaliar a informação;
- Organizar a informação para aplicação prática;
- Integrar novas informações ao conhecimento já existente; e,
- “Usar a informação no pensamento crítico e resolução de problemas.” (LINS, 2007, p. 30).

Já em 1997, Christine Bruce indica que o mais importante é considerar as diferentes relações entre os usuários e a informação, ou seja, a interação entre eles (BRUCE, 1997 apud CAMPELLO, 2009b, p.76). Assim, Bruce define sete concepções de letramento informacional relacionadas com experiência em: tecnologia da informação, fontes de informação, processo de informação, controle da informação, construção do conhecimento, extensão do conhecimento e sabedoria.

Observando-se os autores citados, percebe-se uma variada gama de aspectos que a competência informacional trabalha. Nota-se que os estudos e pesquisas vêm trabalhando sob diversos paradigmas e em contextos diferenciados, o que enriquece a temática e amplia sua aplicação prática na sociedade.

2.3 DESENVOLVIMENTO DE MODELOS E DOCUMENTOS NORMATIVOS

Paralelamente às pesquisas acadêmicas, foram sendo desenvolvidos instrumentos que visavam a aplicação prática do conceito de *Information Literacy*. Um importante modelo que buscou estruturar a aprendizagem durante o processo da busca é *The Big Six*, de autoria dos bibliotecários Mike Eisenberg e Bob Berkowitz em 1987. Nesta perspectiva os autores elencam seis etapas para a busca da informação: definição da tarefa, estratégias de busca de informação, localização e acesso, uso de informação, síntese e avaliação (CAMPELLO, 2006, 2009b).

Outro modelo amplamente divulgado é o *Information Power*, da American Association of School Librarians desenvolvido em 1998, onde são definidas nove normas divididas em três seguimentos: competência informacional, aprendizagem independente e responsabilidade social. O sucesso deste documento talvez se justifique com a afirmação de Campello (2003, p. 31): “o *Information Power* pode ser considerado o documento que concretiza a assimilação do conceito de competência informacional pela classe bibliotecária”.

Uma demonstração do desenvolvimento da competência informacional rumo a uma consciência coletiva nota-se na *Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida*. Este documento, elaborado em 2005, objetiva destacar os conceitos de comunidade, democracia e justiça social inseridos no discurso da competência informacional, já que “a competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. “[...] Prepara os indivíduos [...], auxilia-os e suas instituições a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter a desvantagem e incrementar o bem-

estar de todos” (INTERNATIONAL..., 2010, p. 1).

Assim, verifica-se que existe no exterior, principalmente nos Estados Unidos, uma mobilização da classe bibliotecária para a elaboração de diretrizes que venham a auxiliar o desenvolvimento de estratégias que viabilizem a implementação da competência informacional em programas com objetivos bem definidos e visão de longo prazo.

3 A BUSCA DA INFORMAÇÃO COMO PROCESSO: TEORIA ISP

A presente pesquisa adotou uma abordagem centrada no modelo *Information Search Process (ISP)*, de autoria da bibliotecária norte-americana Carol Kuhlthau e publicado no ano de 1996. As pesquisas de Kuhlthau desenvolveram-se analisando o comportamento de alunos do ensino médio durante o processo de busca da informação assim como a interferência dos sentimentos das pessoas durante a realização de pesquisas. Segundo Campello (2006, p. 179):

esses estudos fundamentaram-se em teorias da aprendizagem [...] que auxiliam no entendimento dos aspectos afetivos envolvidos, bem como na compreensão da maneira como são construídos os conhecimentos, por meio de um processo ativo e complexo de reconstrução de conhecimentos anteriores.

Dessa forma, através de uma série de estudos, surgiu a Teoria do Processo de Busca da Informação (ISP) (KUHALTHAU, 2010) composta pelos seguintes estágios:

- Início do trabalho: pensar sobre a tarefa e identificar possíveis tópicos ou questões para pesquisar, sentimento de incerteza;
- Seleção do assunto: escolher um tópico ou questão para explorar, sentimento de otimismo;
- Exploração das informações: perceber inconsistências ou incompatibilidades nas informações, sentimento de confusão;
- Definição do foco: formar uma perspectiva focalizada a partir da informação encontrada, sentimento de clareza;
- Coleta de informações: reunir e documentar informações relacionadas ao foco, sentimento de confiança;
- Apresentação dos resultados: relacionar e expandir a perspectiva focalizada para apresentar os resultados encontrados para a comunidade de aprendizes, sentimento de satisfação ou desapontamento; e,
- Avaliação: momento para refletir sobre o processo e o conteúdo da aprendizagem.

Segundo Campello (2005, p. 180): “Kuhlthau notou em seus estudos que os alunos passavam diretamente do estágio de seleção do assunto imediatamente ao estágio de coleta de informações, saltando os estágios de exploração das informações e definição do foco.” Segundo as autoras, os momentos de exploração do tema e formulação da questão são importantes, pois permitem desenvolverem estratégias de pesquisa adequadas com o tema central e definir o foco do trabalho, que vem a orientar o seguinte estágio: a coleta de informações.

4 A ADOLESCÊNCIA E O ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE BAIXA RENDA

Sabe-se que a adolescência é um período do desenvolvimento humano com características fisiológicas e psicológicas próprias, no entanto, esta fase também é construída socialmente como um período de comportamentos ímpares, variando conforme a sociedade a qual o jovem está incluído. Quanto ao período denominado adolescência, Aberastrury e Knobel (2008) indicam que para as meninas adolescentes esta fase perdura dos 12 aos 21 anos aproximadamente, enquanto que para o sexo masculino a adolescência surge por volta dos 14 anos e seu término chega aos 25 anos.

Porém, sabe-se que o contexto social possui grande influência no desenvolvimento pessoal dos adolescentes. Experiências anteriores, contexto sócio-histórico e econômico exercem significativa influência neste adulto em desenvolvimento. Santrock (2003, p. 182) indica que:

dificuldades financeiras podem ter reflexos na formação pessoal do jovem alguns adolescentes são flexíveis e enfrentam os desafios da pobreza sem maiores reveses, mas uma quantidade excessiva luta sem êxito. Cada criança da pobreza que alcança a vida adulta doente, sem habilidades especiais ou alienada impede que seu país seja tão competente e produtivo quanto pode ser.

Além disso, o autor também afirma que quando a situação de pobreza é persistente e antiga, este fator produz efeitos

particularmente perniciosos no desenvolvimento de crianças e adolescentes, chegando a afirmar que : “crianças em famílias experimentando pobreza tanto persistente quanto ocasional tinham QI's mais baixos e problemas de comportamento mais interiorizados do que as crianças que nunca eram pobres” (SANTROCK, 2003, p. 184).

Assim, torna-se evidente a necessidade de se dar maior atenção a crianças e adolescentes que se encontram em situação econômica de baixa renda, auxiliando no desenvolvimento de capacidades ligadas à cognição e competências quanto ao uso da informação. Isto não somente como apoio a atividades escolares, mas, principalmente, como aporte a seu desenvolvimento, ampliando a capacidade do aprendizado independente e ao longo da vida, visão crítica e prática sobre conteúdos informacionais e suas aplicações na sociedade.

5 METODOLOGIA E COLETA DOS DADOS

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, em nível exploratório (GIL, 2008). Optou-se pelo uso do questionário com questões abertas e de múltipla escolha como instrumento para coleta de dados, pois segundo Santrock (2003, p. 35): “um dos métodos mais eficientes para se pesquisar adolescentes é fazendo perguntas, e a maneira mais comum é através da utilização de questionários”.

O questionário possui sete questões (abertas e de escolha múltipla), acerca da busca, uso e análise de informações para a realização de pesquisas escolares, além de três problemas que traziam situações hipotéticas ligadas à vida cotidiana do jovem como: doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, drogas e confecção de documentos pessoais, objetivando analisar seu posicionamento frente a necessidades informacionais. Também se pretendeu neste questionário,

avaliar se o adolescente possui ou expõe uma visão crítica sobre o ato da pesquisa e a assimilação de novas informações.

Para a elaboração das questões que fizeram parte do instrumento de coleta de dados utilizou-se como modelo os questionários de Nascimento e Beraquet (2009) e Campello (2004), ambos aplicados a estudantes de nível superior, norteando as questões segundo a teoria ISP de Carol Kuhlthau (2010). Também foram consultados os trabalhos de Fialho (2004, 2007, 2009) para a elaboração da metodologia, únicos estudos brasileiros recuperados que abordam simultaneamente os temas adolescência e competência informacional.

O questionário utilizado para a coleta dos dados foi aplicado a nove adolescentes com faixa etária variando de 14 a 17 anos, compondo-se por duas adolescentes do sexo feminino e sete jovens do sexo masculino. O preenchimento do questionário deu-se na própria sala de aula dos estudantes, sendo uma turma do curso de Informática, selecionada pela coordenadora pedagógica do local para ser aplicado o questionário. Para a apresentação dos resultados foram adotadas iniciais fictícias para identificação dos respondentes na transcrição dos depoimentos, acompanhadas, no entanto, da idade real dos inquiridos.

Optou-se como local para se aplicar os questionários, o Centro de Convívio Meninos do Mar (CCMar) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), principalmente porque neste local são atendidos jovens comprovadamente de baixa renda, foco deste estudo, e também por ser um local que além das aulas profissionalizantes oferece opções de lazer e cultura.

A análise dos dados foi baseada também na Teoria do Processo de Busca da Informação - Information Search Process (ISP), pois

segundo Nascimento e Beraquet (2009, p. 9): “buscando uma relação entre o modelo de Kuhlthau e a competência informacional, pôde-se observar que todas as etapas do modelo proposto correspondem aos objetivos da competência informacional”. Dessa forma, acredita-se que a Teoria do Processo de Busca da Informação atende aos requisitos necessários para responder aos objetivos deste trabalho, “pois além de explorar as atitudes dos estudantes, avança na compreensão das dimensões cognitivas e afetivas dos adolescentes no processo de busca e uso da informação.” (FIALHO; ANDRADE, 2007, p.26). A seguir serão apresentados os dados coletados a partir da aplicação do questionário, e que foram analisados e organizados a partir da teoria ISP.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O primeiro estágio apontado por Carol Kuhlthau na Teoria ISP é o *Início do trabalho*. Para compreendermos como o jovem pensa o ato de pesquisar, iniciou-se o questionário indagando “o que é fazer pesquisa?”. Com base nas respostas obtidas, pode-se considerar que os jovens relacionam a atividade de pesquisa a necessidade de se descobrir algo, como demonstra as respostas dos adolescentes I e H.

Porque às vezes fazendo pesquisas a gente conhece um pouco das coisas (I, 15 anos).

[Fazer pesquisa é] descobrir coisas novas sobre um certo assunto (H, 16 anos).

Também constatou-se que a maioria dos estudantes relaciona o ato de pesquisar a uma prática escolar, contudo, outros ampliaram este ponto de vista considerando que a busca de informações faz parte do

cotidiano, como por exemplo, no depoimento de G.

[Fazer pesquisa] é procurar uma tarefa que seus professores li [sic] passaram ou que você faz por conta própria (G, 14 anos).

Neste mesmo estágio inicial, os sentimentos mais indicados pelos jovens questionados foram segurança e satisfação ao terem que fazer uma pesquisa. Resposta esta diferente do que aponta a Teoria ISP, que indica serem esperados os sentimentos de incerteza e apreensão. Isso pode indicar que a prática da pesquisa parece ser algo prazeroso para os jovens indagados, pois conforme indicado em outras respostas, os adolescentes valorizam este momento como importante para sua aprendizagem. Dessa forma, cabe ao professor e ao bibliotecário valorizar este momento para desenvolver no aluno habilidades e técnicas para trabalhar com novas informações, já que a motivação existe.

6.1 EXPLORAÇÃO DAS INFORMAÇÕES/DEFINIÇÃO DO FOCO

O segundo estágio da Teoria ISP trata da *Seleção do assunto*, porém, este momento não será analisado, posto que os temas abordados nas pesquisas escolares são geralmente escolhidos pelo professor, havendo pouca participação do aluno nesta decisão, o que nos fez optar por não abordar este estágio no questionário aplicado. Dessa forma, passamos para o terceiro e quarto estágios que são a *Exploração das informações* e *Definição do foco*.

Foi solicitado no questionário para que o adolescente descrevesse os passos percorridos por ele, desde o momento em que a pesquisa foi solicitada pelo professor até a hora da entrega, dessa maneira seria

possível analisar seu comportamento frente a uma necessidade de informação. Observou-se nas respostas dadas a esta questão que, assim como Kuhlthau constatou, os estágios de exploração das informações e definição do foco não são desenvolvidos pelos estudantes. Nos dados coletados, nenhuma resposta indicou alguma atitude nos passos percorridos durante a pesquisa que remetesse as fases de exploração do tema e formulação da questão.

A última pergunta do questionário objetivava verificar como os estudantes se comportam ao percebem incompatibilidade nas informações encontradas. Para tanto, foi apresentada a seguinte situação hipotética: “você está procurando informações sobre drogas e encontra uma reportagem na Internet que diz que o crack não vicia, o que você faz?”. Neste momento, verificou-se que os jovens consideraram verdadeiro que especialistas apontam o contrário do encontrado no enunciado da pergunta e indicaram não acreditarem que o crack não cause dependência. Também constatou-se que se caso ficassem em dúvida ao deparar-se com uma informação diferente do que conhecem, continuariam pesquisando para confirmar qual informação seria a correta.

Embora possa se considerar que o assunto crack esteja sendo amplamente debatido na mídia, e que estes adolescentes já tenham alguma informação anterior sobre o tema, ainda assim pode-se levantar duas hipóteses: ou os entrevistados respeitam uma afirmação vinda de um especialista ou não confiam totalmente em informações retiradas da Internet. De qualquer maneira, conforme apontado pelos estudantes, em caso de dúvida estariam dispostos a retomar suas buscas para confirmar a hipótese inicial, interagido assim de forma mais efetiva com os sistemas de informação.

6.2 COLETA DE INFORMAÇÕES

A fase de coleta de informações foi o estágio que mostrou maior presença no discurso dos adolescentes. Observou-se com os dados coletados que a Internet é utilizada de maneira predominante como única fonte para a realização de trabalhos escolares ou para sanar curiosidades pessoais. Isto aponta que não existe a percepção de que a utilização de diferentes fontes agregue qualidade em pesquisas escolares e a obtenção de pontos de vista distintos proporcione segurança ao se coletar informações.

Segundo Kuhlthau (2010) neste estágio de desenvolvimento da pesquisa, informações gerais já não servem mais, pois passada a fase de formulação, agora seria o momento de detalhar o assunto tratado. Contudo, tanto na questão que indagava os passos percorridos durante a pesquisa quanto nas questões contendo situações hipotéticas apresentadas na segunda parte do questionário, verificou-se que vários questionados não possuíam como prática a análise da confiabilidade da fonte, a leitura de diferentes materiais a fim de optar pelo mais apropriado ou consulta a profissionais que pudessem auxiliar neste momento. Um exemplo desta falta de critérios para nortear sua busca por informações nota-se nos depoimentos de B:

Eu pesquiso pela Internet fasso [sic] capa e entrego (B, 16 anos).

Em questão posterior, foram apresentados dois depoimentos fictícios sobre o uso de preservativos relacionando-os com a possibilidade de adquirir uma doença sexualmente transmissível ou uma gravidez indesejada. Assim, foi solicitado ao adolescente que indicasse qual depoimento ele considerava verdadeiro: o que aconselhava o uso de preservativo para evitar a transmissão de DST's (doenças sexualmente transmissíveis), depoimento este supostamente feito por um médico, ou então

outro depoimento em que menospreza a possibilidade de se contrair uma DST e afirma existir cura para a Aids, afirmação supostamente feita por um autônomo.

Nesta questão, todos os jovens indicaram o depoimento do médico, o qual aconselha o uso do preservativo e alerta para a possibilidade de transmissão de DST's. Contudo, quando solicitado para explicar porque o depoimento escolhido era verdadeiro, as respostas versavam sobre a importância em se prevenir uma gravidez não planejada ou o contágio por uma DST.

Assim, constatou-se que os estudantes não conseguiram analisar a confiabilidade da fonte (por ser um depoimento proferido por um médico), tampouco citaram obter conhecimentos anteriores embasados em informações consistentes.

A penúltima pergunta trazia como indagação onde o jovem buscaria informações para confeccionar a carteira profissional. Nesta questão, um adolescente não soube responder este questionamento. Os demais indicaram que pediriam ajuda a familiares e professores, principalmente pela razão de já terem passado por essa experiência. A Internet também foi lembrada devido sua simplicidade e rapidez em disponibilizar informações:

Buscaria informações na internet, bem mais simples e rápido (F, 17 anos).

Verifica-se, no entanto, que nesta questão houve uma mudança na seleção da fonte de informação: a Internet perdeu espaço para a experiência. Notou-se que no momento de fazer algo importante em sua vida (a confecção de um documento), a tecnologia não foi o primeiro lugar a se buscar informações. Nas respostas obtidas, não foi possível esclarecer exatamente o motivo pelo

qual os jovens optaram por procurar alguém que já tenha passado pela situação, mas deve variar entre não saberem onde buscar tal informação ou em caso de encontrarem informações divergentes não saberem avaliar qual seria a correta e apropriada ao momento.

6.3 AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA POR PARTE DOS ESTUDANTES

O sentimento predominante nesta fase de término do trabalho foi animação, reafirmando a possibilidade dos adolescentes gostarem de realizar pesquisas. Assim, pode-se também considerar que geralmente os resultados das pesquisas realizadas por estes jovens são positivos, seja o alívio em alcançar a nota almejada na escola, seja a satisfação em encontrar a informação que necessita.

A sensação de que realizar pesquisas contribui para sua formação pessoal foi amplamente afirmada quando indagados em questões como “aplicas na tua vida alguma coisa aprendida nas pesquisas?” e “achas importante fazer pesquisas escolares?”. Grande parte dos jovens indicaram que somente às vezes utilizam os conhecimentos adquiridos nas pesquisas escolares, mas em geral os depoimentos se mostram otimistas com a prática da pesquisa, como se pode observar:

É bom para o meu futuro ter novos conhecimentos (F, 17 anos).

Por quê[sic] as[sic] vezes tem pesquisas que nos ensinam muitas coisas (I, 15 anos).

No entanto, também houve depoimentos em que ficou clara a opinião de que as pesquisas escolares não agregavam conhecimento em

suas vidas, o que nos faz refletir se esta atividade está sendo bem transmitida em sala de aula ou se os conteúdos abordados realmente tratam de temáticas relacionadas com o cotidiano do adolescente, pois segundo B (16 anos):

[Às vezes,] porque só algumas são aproveitáveis (B, 16 anos).

Para analisarmos a capacidade de análise crítica e reflexão sobre o conteúdo da aprendizagem dos adolescentes, foi indagado se nas pesquisas escolares os estudantes expõem suas opiniões. Nesta questão observou-se que a maioria dos estudantes indicou que somente às vezes emitem suas opiniões nos trabalhos entregues aos professores. Como principais justificativas para nem sempre exporem suas percepções pessoais os adolescentes indicaram que:

Às vezes se mostra necessário para melhor explicar o assunto (E, 17 anos).

Porque a pesquisa não é sobre a minha opinião (H, 16 anos).

Porque às vezes colocar a tua opinião deixa a gente mais inseguro na hora de entregar ao professor (A, 15 anos).

Os depoimentos dos estudantes H(16 anos) e A(15 anos) demonstram que expor opiniões nos trabalhos escolares não é uma prática estimulada por parte dos professores. Desenvolvida dessa forma, esta atividade de aprendizagem torna-se tão somente a descrição de um assunto solicitado, um ato mecânico de citação de informações, sem

geração de conhecimento para o aluno.

Por fim, objetivando extrair do adolescente sua avaliação sobre o ato de pesquisar, perguntou-se: “Achas importante fazer pesquisas escolares?”. Neste momento, foi unânime a afirmação de ser importante a realização de pesquisas, sendo predominante a justificativa de que esta prática proporciona aprendizagem, como se vê:

Porque se aprende mais (B, 16 anos).

Consigo aprender coisas novas (F, 17 anos).

Porém, mesmo todos concordando com a relevância da prática da pesquisa, houve também respostas que indicaram preferir a atividade de realizar pesquisas a outras rotinas das aulas, por exemplo, explanação dos conteúdos ou aplicação de provas.

Porque foge um pouco da rotina de só matérias como: matemática, português, etc... (H, 16 anos).

Porque eu acho que é melhor do que fazer provas (G, 14 anos).

Com base nestas respostas, compreende-se o motivo pelo qual os jovens apontem sentimentos positivos tanto no início quanto no fim da atividade de pesquisa. Nota-se que para estes adolescentes questionados, fazer uma pesquisa significa instantaneamente uma alternativa para diversificar as aulas, mas, além disso, segundo o declarado, estes estudantes reconhecem a atividade de pesquisa como fonte de aprendizado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho investigativo

constatou-se que os estudantes indagados consideram que a prática da pesquisa proporciona aprendizado e também a veem como uma alternativa para diversificar as aulas expositivas. Porém, estes estudantes parecem restringir o ato de realizar pesquisas a uma atividade puramente escolar e indicaram que nem sempre conseguem aplicar em seu cotidiano o que foi aprendido nas pesquisas. Isto demonstra que, possivelmente, os objetivos e a finalidade de se fazer pesquisa não sejam bem trabalhados em sala de aula, tornando-se necessário atentar para tal prática. Notou-se predominância de sentimentos positivos tanto no início quanto no final do processo de busca de informações, o que pode significar que a prática da pesquisa parece ser algo prazeroso para os jovens.

As fases de exploração da informação e definição do foco mostraram-se pouco exploradas no processo de busca da informação, onde se constatou que os adolescentes inquiridos desperdiçam os momentos de reflexão sobre o assunto e escolha de um foco específico para guiar sua posterior busca por informações proporcionados nestes estágios. Assim, têm-se como principal consequência despreparo e desconhecimento sobre o que se está pesquisando. Esse fato resulta em pesquisas fora de foco, que não abordam adequadamente a temática indicada ou que não possuem um aprofundamento intelectual.

Para os adolescentes questionados o momento que mostrou maior destaque foi o da coleta de informações, onde se notou que a Internet é utilizada pela maioria dos entrevistados como única fonte, contudo não se percebeu que a análise das fontes obedeçam algum tipo de critério. Também ficou evidente que os jovens não se sentem estimulados a expor suas opiniões nos trabalhos escolares, situação que dificulta a

geração de conhecimento para o aluno.

Considera-se que esta pesquisa atingiu seu objetivo principal de verificar como os adolescentes do grupo investigado, os quais se encontram em situação de baixa renda efetuam suas buscas informacionais, seja para pesquisas escolares ou necessidades cotidianas de informação. A Teoria ISP também se mostrou eficiente para realizar a análise das questões, no entanto, sabe-se que este modelo foi baseado nos moldes de educação americana, dessa forma, peculiaridades da realidade educacional brasileira não são abordadas. Assim, salienta-se a necessidade de se aprofundar estudos sobre métodos de análise de busca de informações que considerem o funcionamento educacional brasileiro.

Quanto aos métodos empregados, consideramos que para um estudo mais aprofundado da questão torna-se necessária a adoção de outros métodos concomitantes. Constatamos que há a necessidade de se dar continuidade ao estudo de maneira mais ampla, utilizando outras abordagens como, por exemplo: entrevistas com os jovens, professores, direção da escola e pais/responsáveis; observação da metodologia adotada em sala de aula e como a atividade de pesquisa é transmitida pelo professor, recursos oferecidos pela escola e alternativas de acesso a informação disponíveis no bairro onde reside o adolescente.

Os resultados obtidos nos permitem concluir que se deve explorar no adolescente esta visão positiva que ele possui sobre o ato de pesquisar e que o desenvolvimento de capacidades que tornem o jovem competente informacionalmente deve nortear todo o processo de ensino-aprendizagem, não somente objetivando a realização de tarefas escolares, mas, principalmente, conscientizando os jovens de que ser

competente informacionalmente é uma habilidade indispensável nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BELLUZZO, R. C. B.; PIANTOLA, D. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2009.

BELLUZZO, R. C. B. Formação contínua de professores do ensino fundamental sob a ótica do desenvolvimento da information literacy, competência indispensável ao acesso à informação e geração do conhecimento. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 1, jan./abr. 2004a.

BELLUZZO, R. C. B.; KOBAYASHI, M. do C. M.; FERES, G. G. Information Literacy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 1, dez. 2004b.

BELLUZZO, R. C. B. O uso de mapas conceituais e mentais como tecnologia de apoio à gestão da informação e da comunicação: uma área interdisciplinar da competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Nova Série, São Paulo, v. 2, n. 2, dez. 2006.

CAMPELLO, B. et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CAMPELLO, B.; ABREU, V. L. F. G.. Competência informacional e formação do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 178-193, jul./dez. 2005.

CAMPELLO, B. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira Biblioteconomia e Documentação**: Nova Série, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 63-77, dez. 2006.

_____. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.

_____. **Letramento informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 209 f. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009b.

_____. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

COMPETÊNCIA Informacional para bibliotecários. Atualizado em maio 2010. Apresenta artigos, entrevistas, vídeos, trabalhos científicos e notícias sobre competência informacional, information literacy e letramento informacional. Disponível em: <<http://competencia-informacional.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 nov. 2010.

DUDZIAK, E. A.. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

_____. **A Information literacy e a função educacional das bibliotecas**. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Os faróis da sociedade da Informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008.

FIALHO, J.; ANDRADE, M. E. A. Comportamento informacional de crianças e adolescentes: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n.1, p. 20-34, jan./abr. 2007.

_____. **A cultura informacional e a formação do jovem pesquisador brasileiro**. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de

Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

_____. **A formação do pesquisador juvenil** : um estudo sob o enfoque da competência informacional. 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

SÍNTESEDE de Indicadores Sociais. 2004. IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/13042004sintese2003html.shtm>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida**. 2005. Disponível em: <<http://www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

KUHLTHAU, C. C. **Information Search Process**. Disponível em: <http://comminfo.rutgers.edu/~kuhlthau/information_search_process.htm>. Acesso em: 24 nov. 2010.

LINS, G. S. **Inclusão do tema competência informacional, e os aspectos tecnológicos relacionados, nos currículos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

NASCIMENTO, L. dos S.; BERAQUET, V. S. M.. A competência informacional e graduação em Biblioteconomia PUC-Campinas: uma análise de 2008. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, pág. 2-19, set./dez. 2009.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

VITORINO, E.; PIANTOLA, D. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n.3, p. 130-141, set./dez. 2009.

VITORINO, Elizete. Competência Informacional do profissional da informação bibliotecário : construção social da realidade. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 24, p. 59-71, 2. sem. 2007.

Dados sobre Autoria

* Bacharel em Biblioteconomia (FURG), especialização em Metodologias e gestão da EAD (Ananguera - Pelotas/RS), mestranda em Educação (PPGEDU-FURG). Bibliotecária da Prefeitura municipal do Rio Grande/RS. E-mail: cintiadabiblio@gmail.com

**Bacharel em Biblioteconomia (FURG) e Doutora em Educação (UFPel). Professora e Coordenadora do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: renatabraz@furg.br

Artigo enviado em agosto de 2012 e aceito em março de 2013.